

FACULDADE CAMPO LIMPO PAULISTA – FACCAMP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LÚCIA HELENA DA SILVA CARDOSO
COMUNICAÇÃO ORAL EM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE IDADE.

CAMPO LIMPO PAULISTA

2011

LÚCIA HELENA DA SILVA CARDOSO

COMUNICAÇÃO ORAL EM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS DE IDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Professora Ms. Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita.

CAMPO LIMPO PAULISTA

2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

À Deus: Senhor do meu viver.

À minha mãe Iraci: Motivação em todos os momentos.

Ao meu esposo Alexandre: Paixão da minha vida.

Ao meu filho Davi: Razão da minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força, coragem e muita determinação, pois sem a ajuda de Deus eu não teria conseguido chegar até aqui.

À minha mãe Iraci, pela força e o apoio que sempre me deu para continuar estudando.

Ao meu esposo Alexandre pelo companheirismo, pela paciência e pelo amor incondicional.

Ao meu filho Davi pela paciência e pelo bom comportamento.

À professora Vivian Sotelo que me orientou e compartilhou comigo todo o seu conhecimento.

Aos demais professores do curso de Pedagogia que direta ou indiretamente fizeram parte desse trabalho de conclusão de curso.

Às minhas colegas de classe pelo bom convívio escolar.

“A linguagem – a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores.

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos.

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador.

Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida quotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor.

A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ele é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pais para filho.

Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade”.

(Louis Hjelmslev apud Barbutti, 2005).

Resumo

CARDOSO, L.H.S. (2011). **Comunicação oral em crianças de 0 a 3 anos de idade.** Graduação (licenciatura em Pedagogia) – FACCAMP - Faculdade Campo Limpo Paulista, Campo Limpo Paulista, 41p.

O presente trabalho nos remete a refletir sobre como está sendo trabalhada a oralidade na educação infantil, mais especificamente com crianças de até três anos de idade. A observação do ambiente escolar e de uma sala de aula foi realizada no período do mês de maio de 2011. Aplicou-se um questionário para as professoras responderem, e a partir desse foi feito um recorte para nossa análise. Dessa forma houve uma comparação entre as teorias estudadas a respeito do assunto e a prática existente em uma instituição de ensino particular. Considerando que a oralidade não é levada em consideração pela maioria da sociedade, as crianças que apresentam dificuldades em se comunicar, na maioria das vezes é pelo fato de que não há um canal de comunicação com elas, ou seja, não há interação entre professor e aluno.

Palavras chaves: oralidade, educação infantil, prática pedagógica.

Sumário

Introdução.....	08
1. Linguagem como prática social.....	10
1.1. Linguagem: construção da consciência humana.....	14
2: O papel do professor no desenvolvimento da oralidade.....	20
2.1 A oralidade no espaço escolar.....	24
3: Sobre a pesquisa.....	28
3.1. Metodologia.....	28
3.2. As observações realizadas.....	28
Conclusão.....	32
Referências.....	34
Anexos.....	36

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho de conclusão de curso será abordado o tema A comunicação oral em crianças de zero a três anos de idade. A fim de aprofundar o assunto, esta pesquisa procura descobrir se os professores da Educação Infantil estão dando a atenção necessária para a comunicação que essas crianças possuem, pois se a criança for estimulada pelos professores desde pequena a se comunicarem, podem-se evitar futuramente dificuldade de se expressarem ou até mesmo timidez em se pronunciar em público.

Para desenvolver essa pesquisa perguntamos: O professor tem um papel importante na comunicação oral da criança? Como o professor trabalha a oralidade com criança pequena na escola? Como a criança que não fala se comunica com o meio onde vive?

Justifica-se o estudo desse assunto, pela indignação ao ver que professores da Educação Infantil não dão atenção necessária para a oralidade das crianças menores de três anos de idade, por acharem que as mesmas não conseguem se expressar e nem tão pouco pronunciar as palavras corretamente o que os levam a acreditar que não há necessidade de ouvi-las.

Deste modo, o objetivo principal desse estudo é descobrir como esses profissionais lidam com a criança quando a mesma tenta se expressar através da linguagem oral.

Para o desenvolvimento desse estudo está sendo utilizada a pesquisa bibliográfica, consultando-se artigos acadêmicos já publicados a respeito do assunto. Será realizada pesquisa de campo, por meio de observação do ambiente escolar e de um questionário envolvendo os professores da educação infantil de uma escola particular que lidam com crianças menores de três anos de idade.

O primeiro capítulo ressalta a importância da linguagem como prática social e enfatiza a necessidade dos seres humanos em se comunicarem para que possam “sobreviver” na sociedade.

O segundo capítulo aborda a importância do professor no desenvolvimento da oralidade da criança com até três anos de idade.

E, por fim, o terceiro e último capítulo apresenta a metodologia do nosso trabalho esclarecendo também como a oralidade acontece em uma instituição de ensino da rede particular.

CAPÍTULO 1

LINGUAGEM COMO PRÁTICA SOCIAL

As primeiras pesquisas sobre linguagem foram realizadas entre 1876 e 1926 e preocupavam-se em observar como surgiu e se desenvolveu a linguagem nas crianças.

Barbutti (2005) denomina a linguagem da seguinte forma:

A linguagem já foi ou ainda é vista como uma capacidade natural da espécie humana, uma ação humana, código ou sistema de signos, uma faculdade, expressão de sensações e/ou sentimentos, tem múltiplas funções e usos, generalização, interação, produção social, trabalho simbólico entre outros. (Barbutti, 2005, p.03).

Através de pesquisas puderam constatar que se têm três vertentes teóricas sobre a formação da linguagem humana.

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem estavam baseados em uma visão teórica behaviorista, que tem como um dos principais representantes Skinner, que acreditava que se aprendia uma língua através da exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço. A visão behaviorista da aprendizagem de línguas predominou por duas décadas após a segunda guerra mundial (Ellis, 1994). Para esta vertente teórica, seria necessário que o indivíduo recebesse grande quantidade de linguagem correta, a imitasse e a praticasse constantemente, sendo reforçado por outras pessoas, aprendendo assim bem a língua-alvo, mas um dos mais sérios problemas do behaviorismo é que a aprendizagem humana não funciona pela associação mecânica, então esse procedimento não passaria de simples memorização.

A partir do final da década de 50, os estudos de Noam Chomsky impulsionam os trabalhos em aquisição da linguagem, com base na posição assumida de que a linguagem é inata. A **visão teórica inatista** defende que os seres humanos nascem programados biologicamente para falar. A linguagem se desenvolve naturalmente nas crianças.

A visão interacionista social, cujo principal representante é Vygotsky considera os fatores sociais, comunicativos e culturais para a aquisição da linguagem, estudando as características da fala dos adultos. Segundo esse ponto de vista teórico, a interação social e a troca comunicativa são pré-requisitos básicos para a aquisição da linguagem.

Para Vygotsky (1998), o ser humano se forma nas relações que constitui com outros membros da sociedade e é por meio dessas interações sociais que o homem constrói sua singularidade, de forma que suas ações, a princípio, foram partilhadas coletivamente. O autor discorda dos inatistas que determinam características comportamentais universais do ser humano.

Segundo Barbutti (2005), “a linguagem é entendida, então, como um dos aspectos das diferentes relações que se estabelecem historicamente em nível sócio-cultural, caracterizando-se por sua ação social” (2005, p.06).

O Parâmetro Curricular Nacional da Língua Portuguesa enfatiza a linguagem como prática social. De acordo com o documento mencionado:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. [...] (Brasil, 1998, p.21).

Barbutti (2005) destaca em sua dissertação “As concepções de linguagem na fala dos professores” que:

A linguagem envolve um contexto e um relacionamento social, é a linguagem que, com o poder simbólico das palavras e a sua possibilidade de comunicação, que viabiliza a compreensão, a transmissão, o conhecimento e o aperfeiçoamento das coisas e eventos permitindo ao homem tanto o seu aprendizado como sua transformação. (Barbutti, 2005, p.01-02).

A criança deve saber que existem várias maneiras de se comunicar e que a maneira como se comunica deve-se adequar ao ambiente em que está inserida (Barbutti, 2005, p.01).

O Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil destaca que “aprender uma língua não é somente aprender as palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade” (Brasil, 1998, p.117).

Segundo Sotelo (2009), o homem se adapta a cultura através da relação que tem não somente com outras pessoas, mas também por conhecimentos que adquiri ao longo de suas experiências de vida, se tornando assim um ser social.

Barbutti (2005) chama a atenção para o fato de que as ações sobre e com a linguagem, faz com que seja superado os limites para a compreensão do mundo.

De acordo com Bueno (2003) a partir do momento em que há uma ligação entre o pensamento e a linguagem se torna possível a criação da cultura, onde o biológico se transforma em sócio-histórico (2003, p.38).

Bueno (2005) considera que “para poder constituir o pensamento, a linguagem da criança passa por um processo de internalização”, onde desde que nasce ela adquire a linguagem, ou seja, uma fala socializada com a função de que haja a comunicação entre ela e o outro. Passando a se internalizar e obtendo outras funções (2005, p.38).

Apesar de proteger a idéia de que a intervenção é necessária para o desenvolvimento do homem, Vygotsky se preocupa também com a maneira como o homem adquire e desenvolve tudo o que aprendeu durante sua história vivida, ele utilizou para esse conceito o termo “internalização” que significa um processo de reconstrução interna de uma operação externa (Sotelo, 2009).

Vygotsky (1987) apud Bueno (2005) evidencia que o processo de internalização da fala passa por quatro estágios, nas quais, são eles:

- 1º. Estágio: estágio natural ou primitivo.
- 2º. Estágio: estágio da psicologia ingênua.
- 3º. Estágio: estágio da fala egocêntrica.
- 4º. Estágio: estágio de crescimento interior.

Segundo Luria apud Sotelo (2009, p.06), “[...] a atividade consciente do homem não está *obrigatoriamente* ligada a motivos biológicos”. Para Vygotsky, o homem tem a capacidade de entender alguma coisa abstrata, compreendendo o seu significado e sua relação com o mundo real (Sotelo, 2009).

Barbutti (2005) destaca em seu texto que a linguagem é vista como sendo uma produção humana onde é construída coletivamente e historicamente, manifestando-se de diferentes maneiras e em todos os campos da vida humana. A linguagem forma o pensamento e a consciência dando ao ser humano a possibilidade de interagir com o mundo e com as demais pessoas que estão ao seu redor, e também de pensar em si própria (2005, p.06).

Conforme consta na dissertação a oralidade nas relações com a escrita: formas de participação e produção de sentidos na interação em sala de aula, a internalização procede através de transformações importantes onde ocorre um processo interpessoal

transformado num processo intrapessoal, ou seja, ocorre primeiramente no nível social (entre as pessoas) e posteriormente no nível individual (no interior da criança). Esse desenvolvimento do processo interpessoal para o processo intrapessoal acontece no decorrer do desenvolvimento humano (Vygotsky apud Sotelo 2009).

Em sua dissertação Bueno (2003), caracteriza a evolução do processo de internalização da palavra, através do que Vygotsky (1987) considera para o desenvolvimento da evolução, onde a constitui da seguinte maneira:

A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social. A princípio, é global e multifuncional; posteriormente, suas funções tornam-se diferenciadas. Numa certa idade, a fala social da criança divide-se muito nitidamente em fala egocêntrica e fala comunicativa. A fala egocêntrica emerge quando a criança transfere formas sociais e cooperativas de comportamento para a esfera das funções psíquicas interiores e pessoais. (Vygotsky apud Bueno, 2003, p.39).

Sendo assim, o homem através da linguagem internaliza a cultura e se adapta a ela de tal maneira que as torna próprias e adequadas a si mesmo. Para que possamos compreender melhor a citação mencionada acima, Sotelo (2009) menciona em sua dissertação um exemplo onde se é analisada uma situação na qual a criança tenta pegar um objeto que está fora do seu alcance e estica suas mãos em direção ao objeto. Na tentativa de ajudá-lo, a mãe analisa que aquele movimento indica algo e entende que a criança está apontando para o objeto, ou seja, designa um significado à ação do bebê. Futuramente, quando a criança tem condições de assimilar o seu movimento à situação objetiva como um todo, ela começa a entender este movimento como um gesto de apontar. Assim, este movimento passa a ser internalizado como ato de apontar, primeiramente pelo outro e depois pela própria criança, ou seja, o gesto é primeiro para o outro e depois para si próprio. A significação desse ato atribuída pela criança passou a ser constituída primeiramente por sua mãe.

Segundo os estudos de Geraldí (1993) apud Barbutti (2005), a linguagem pode ser entendida e dividida em três concepções:

- 1º. Concepção: encara a linguagem como expressão do pensamento.
- 2º. Concepção: vê a linguagem como instrumento de comunicação.
- 3º. Concepção: a linguagem é uma forma ou um processo de interação.

Sotelo (2009) chama a atenção para o fato de que desde pequeno, o ser humano tem necessidade de interagir com o mundo e com as pessoas que convivem ao seu

lado no cotidiano, onde através dessa relação, se dá a criação e o uso de signos, possibilitando ao ser humano a competência de criar significados às suas experiências. Podemos concluir, então, que duas pessoas diferentes constroem significados de acordo com que passaram no decorrer de sua vida, ou seja, de acordo com as suas experiências vividas e dependendo da história de vida de cada ser humano, o que diferencia a maneira de se relacionar é a relação que cada um tem com a cultura (Nogueira & Smolka apud Sotelo, 2009, p.08).

Vygotsky (1998) coloca a linguagem como um instrumento poderoso no contato social e na regulação interpessoal da conduta e o modo mais puro da interação social” (Bueno, 2003, p.41).

Finalizamos considerando que os significados que se dão para a linguagem são estabelecidos de acordo com as experiências vividas por cada ser humano e a maneira como se relaciona com as pessoas que estão ao seu redor.

1.1 LINGUAGEM: CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA HUMANA

Para Kramer (1993) apud Barbutti (2005), é fundamental fixar que: “A linguagem é produção humana acontecida na história; produção que – construída nas interações sociais, nos diálogos vivos – permite pensar as demais ações e a si própria, constituindo a consciência” (2005, p.01).

O conceito de linguagem é bastante enfatizado por autores da perspectiva histórico- cultural. Para Vygotsky a linguagem nos torna humano, ele se baseou na hipótese de que a linguagem tenha surgido a partir da necessidade que o homem teve em comunicar-se com o mundo ao seu redor, a maneira como o ser humano usava a comunicação ao longo do processo de vivência em grupo com outros homens foi o seu principal foco de observação (apud Sotelo, 2009).

É fundamental citarmos a idéia de outros autores. Lacerda (1995) apud Bueno (2003) afirma que: “[...] a linguagem é fundamental para todo e qualquer desenvolvimento humano, e é condição para o domínio de conceitos que permitem ao sujeito compreender o mundo e nele agir” (2003, p.12). Geraldi (1997) apud Bueno (2003) complementa a idéia de Lacerda (1995): “[...] a linguagem é a condição Sine Qua Non na apreensão de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo

e nele agir, é ainda a mais usual forma de encontros, desencontros e confrontos de posições[...]" (2003, p.12). Logo Abaurre (1999) apud Bueno (2003) finaliza as idéias afirmando que devemos dar atenção "para os sujeitos reais e suas histórias individuais na relação com a linguagem" (2003, p.13).

Luria apud Sotelo (2009, p. 10) afirma que "a forma conjunta de atividade prática faz surgir forçosamente no homem à necessidade de transmitir a outros seres humanos certas informações". Assim, poderão perceber que os sinais e os sons causados pelo ser humano no início do desenvolvimento da linguagem só eram utilizados a partir de uma determinada situação em que se viam 'apurados', pois os sons não aconteciam espontaneamente e sim através de alguma situação que o estimulasse (Sotelo, 2009).

A linguagem, além de possibilitar a troca de informações de uma pessoa para outra também é vista como uma interação entre os seres humanos, pois através dela é possível que se tenha uma ação que não existiria se não fosse através da fala, pois a mesma constitui compromissos e vínculos que só existiram após a fala (Barbutti, 2005, p.05).

Conseqüentemente não se pode acreditar que o aparecimento da capacidade de exercer atividade consciente tenha alguma ligação com as características da alma ou do organismo humano, mas sim ao desenvolvimento da história social da humanidade.

Como resultado da história social, a linguagem transformou-se em instrumento decisivo do conhecimento humano, graças ao qual o homem pode superar os limites da experiência sensorial, individualizar as características do fenômeno, formular determinadas generalizações ou categorias. Pode-se dizer que, sem o trabalho e a linguagem, no homem não se teria formado o pensamento abstrato "categorial". (Luria apud Sotelo, 2009 p. 10).

Conforme Grotta (2000) apud Barbutti (2005) afirma "a consciência do sujeito e seu conhecimento do mundo são produtos de interação social, onde a linguagem coloca-se como fundamental no papel de mediação".

De acordo com Sotelo (2009) a linguagem no ser humano é construída para informar um determinado conhecimento de maneira objetiva. Ela também concorda com Luria que afirma que "[...] mesmo a linguagem estando fora do conjunto de uma ação prática, ela penetra em todos os campos da atividade consciente do homem", reorganizando os métodos de percepção do mundo externo e indicando novas regras de percepção, porém as conquistas mais importantes são o fato de que modifica os

métodos de atenção, de memória, afirmando o aparecimento da imaginação e do pensamento abstrato, admitindo assim a transformação do sensorial para o racional. Em sua dissertação Sotelo (2009) destaca que, com o aparecimento da linguagem no ser humano, acontecem três transformações na consciência humana na qual ela enfatiza serem as principais: o homem tem condições de diferenciar os objetos, fixar sua atenção neles e posteriormente manter suas características na memória, tendo assim condições de se lembrar dos objetos sem tê-los presente, dando-lhes condições de representar e significar.

Para Vygotsky apud Bueno (2003):

A linguagem não tem um caráter apenas comunicativo, mas possui também uma função organizadora do pensamento e planejadora da ação; por conseguinte, suas funções básicas seriam a de possibilitar o intercâmbio social e a de estruturar o pensamento. A primeira função, e a mais importante, é a de intercâmbio social, uma vez que o ser humano cria a linguagem para se comunicar e se relacionar no mundo. (2003, p. 37).

Sotelo (2009) concorda com Vygotsky (1998) quando ele afirma que a criança só começa a controlar o mundo ao seu redor através do auxílio da fala, sendo assim esse controle colabora para a preparação do comportamento da criança e para a formação da sua capacidade intelectual. O autor finaliza, através das suas experiências, que a fala da criança é tão importante quanto o seu desempenho para alcançar algo que queira, ele analisa com dedicação a linguagem individualista e garante que quanto mais complexa a ação da criança, a fala individualista adquire uma maior importância no desenvolvimento de suas atitudes. Para ele, há uma ligação entre a fala e o raciocínio lógico ao longo do desenvolvimento infantil: “as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos” (Vygotsky apud Sotelo, 2009, p.11). Com o auxílio da fala, as crianças criam certa expectativa em suas ações, projetando e destacando uma solução rápida e organizada, onde conseguem manusear os objetos e controlá-los. Para que consigam chegar à função planejadora, a fala passa por vários estágios:

num primeiro estágio, a *fala acompanha* as ações da criança e reflete as vicissitudes do processo de solução do problema de uma forma dispersa e caótica. Num estágio posterior, a fala desloca-se cada vez mais em direção ao início desse processo, de modo a, com o tempo, *preceder* a ação. Ela funciona, então, como um auxiliar de um plano já concebido, mas não realizado, ainda em nível comportamental. [...] Posteriormente, quando a fala se desloca para o início da atividade, surge uma nova relação entre palavra e ação. Neste

instante, a fala dirige, determina e domina o curso da ação. Surge a *função planejadora da fala*. (Bueno apud Sotelo, 2009, p. 12).

Bueno (2003) exemplifica em sua dissertação que a transição da fala externa/social para a fala interna faz com que surja uma nova teoria de fala que é a fala egocêntrica. Porém é fundamental fixarmos que a fala egocêntrica não faz com que a criança deixe de ser social. Vygotsky (1987) apud Bueno (2003) caracteriza a fala egocêntrica com a seguinte definição:

“A fala egocêntrica, enquanto forma lingüística separada, é o elo genético de extrema importância na transição da fala oral para a fala interior, um estágio intermediário entre a diferenciação das funções da fala oral e a transformação final de uma parte da fala oral em interior... A fala egocêntrica não paira no vazio, mas tem uma relação direta com o modo como a criança lida com o mundo real;... a fala egocêntrica vai, progressivamente, tornando-se apropriada para planejar e resolver problemas, à medida que as atividades da criança tornam-se mais complexas.” (Bueno, 2003, p.39).

Em sua dissertação Sotelo (2009) afirma que Piaget realizou pesquisas para entender melhor o uso da linguagem infantil e concluiu que as crianças apresentam dois tipos de linguagem: a individualista e a socializada. Para diferenciar uma da outra ele destacou apenas as suas colocações, ou seja, na fala individualista, a criança fala apenas de si própria, como um monólogo, não se preocupa se alguém estará ouvindo, já na fala socializada, a criança tenta estabelecer um diálogo com outra pessoa.

Poder-se ia dizer que um adulto pensa socialmente mesmo quando está só, enquanto uma criança com menos de sete anos pensa e fala egocentricamente mesmo quando está em companhia de outras pessoas. (Bueno apud Sotelo, 2009, p. 12).

Conforme Sotelo (2009) menciona em sua dissertação, para Piaget, a fala individualista não tem a função de diálogo, é acanhada e desaparece quando a criança demonstra o desejo de se comunicar com os outros, ao contrário do pensamento de Piaget, Vygotsky (2000) espera que a linguagem individualista da criança seja social e avançada no pensamento lógico infantil.

Smolka (1997) apud Bueno (2003) baseada nas análises de Vygotsky determina que “a fala egocêntrica é um aspecto da transição da atividade social e coletiva da criança para o funcionamento mental individual”.

De acordo com Sotelo (2009) Vygotsky determinou para o desenvolvimento da linguagem individualista a hipótese de que ela se converterá em linguagem interior

através dos estágios de mudanças. No entanto, ela deixa claro em sua dissertação que Smolka (1993) sugere que aja uma reflexão sobre esse pensamento divulgado por Vygotsky onde se avaliam os procedimentos de modificação da fala individualista em fala interior, Smolka dúvida desse movimento no sentido de que não pode parecer uma regra e sim que deve acontecer de uma maneira sucessiva, a autora acredita que a fala individualista não vem antes da fala interna, mas enfatiza que serve como um “degrau” para a elaboração de suas atividades mentais. Através de suas idéias, a autora afirma que a fala individualista não pode ser o único modo de internalizar a fala social, ou seja, ela afirma que não pode haver um único caminho, sendo assim ela caracteriza como sendo um método que pode acontecer sem a criança pronunciar nenhuma palavra.

Bueno (2003) confirma que outro fator importante é que a fala interior tem regras diferentes da fala externa ou social. Sendo assim ela caracteriza que a fala interior “apresenta uma estrutura específica, já que, geralmente, é uma fala mais compacta e abreviada e em muitos momentos permanece apenas com as palavras que sustentam o significado da mensagem”. (2003, p.40).

Vygotsky evidencia que a linguagem interior venha ser como uma linguagem feita para si mesmo onde se modifica o pensamento em palavras bastando apenas organizá-las, sendo assim deixa claro que a linguagem interior não é apenas uma oposição a linguagem exterior. (Sotelo, 2009).

Assim, a fala individualista, e em seguida, a fala interna, internalizada, que surgem inicialmente na linguagem comunicativa e basicamente social, vão compor a atividade mental, verbalizada e intelectual do indivíduo na concepção de métodos como a imaginação, organização, planejamento, memória, vontade. (Smolka apud Sotelo, 2009, p.13).

Sotelo (2009) demonstra que a linguagem tem uma afinidade restrita com o pensamento, ela também comprova que segundo Vygotsky (2005), a afinidade entre as origens genéticas do pensamento e da expressão são basicamente obra do aumento histórico da consciência humana, para ele, as afinidades entre o pensamento e a linguagem são fatores que se interligam para funcionar.

De acordo com Bueno (2003) “o pensamento e a palavra têm raízes genéticas diferentes e desenvolvem-se por caminhos distintos; há, entretanto, um momento em que ocorre uma estreita ligação entre os dois processos psicológicos”. (2003, p.38).

Sotelo (2009) considera que para Vygotsky (2005), o pensamento da criança passa por diversas mudanças até transformar-se em linguagem. A princípio, o pensamento infantil se dá como algo sem transparência e sem forma definida, por esse motivo a criança pronuncia apenas uma única palavra. Posteriormente conforme o seu pensamento vai formando a sua própria característica, a criança passa a se expressar de acordo com um todo ajustado.

Segundo Sotelo (2009) Vygotsky (2000) confia que os sentidos das palavras se desenvolvem nas ocasiões em que há a conversação entre duas ou mais pessoas e por isso não tem estabilidade, modificam-se de acordo com o crescimento físico da criança e através do modo como funciona o seu pensamento, sendo assim, o ato de definir as palavras se desenvolvem em uma relação decidida, histórica e social. À medida que o ato de definir as palavras se transforma, muda a forma de relacionar o pensamento com a palavra. Assim sendo, “[...] a relação entre pensamento e palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento, [...] o pensamento não se exprime na palavra, mas nela se realiza” (Ibid. apud Sotelo, 2009, p. 14).

Para finalizar concluiremos com uma frase de Bueno (2003) que destaca um pensamento de Vygotsk (1998): “A palavra não é apenas um meio de expressar o pensamento, mas é por meio dela que ele passa a existir.”

CAPÍTULO 2

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE

O trabalho com a linguagem é essencial na educação infantil, pois através dela a criança interage com outras pessoas, orienta suas ações, constrói muitos conhecimentos e desenvolve o pensamento, sendo importante para a formação do sujeito (Brasil, 1998, p.117). De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil,

A linguagem oral possibilita comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto. As palavras só têm sentido em enunciados e textos que significam e são significados por situações. A linguagem não é apenas vocabulário, lista de palavras ou sentenças. É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentidos únicos às falas. A linguagem não é homogênea: há variedades de falas, diferenças nos graus de formalidade e nas convenções do que se pode e deve falar em determinadas situações comunicativas. Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderá desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa. (Brasil, 1998, p.120, 121).

Os professores devem dialogar com seus alunos vários minutos por dia estimulando-os, pois segundo Federle (apud Bernadette e Bastos 1995, p.11), “a criança deve vivenciar um ambiente, no qual ela possa ter uma ampla convivência com a fala dos adultos e de outras crianças, importante para a aquisição de sua linguagem e sua relação afetiva.”

Bueno (2003) afirma que desde que a criança nasce entra em contato com um mundo simbólico, onde a fala do outro traz “significados às nossas ações e demais manifestações vocais” (2003, p.13).

Conforme o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (p.126) “A construção da linguagem oral não é linear e ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio, etc”.

Para Vygotsky (apud Federle, 2009, p.10), é importante destacar que:

O pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Que primeiramente a criança utiliza a fala socializada, com a função de comunicar, de manter um contato social, e é com o desenvolvimento que ela passa a ser capaz de utilizar a linguagem como instrumento de pensamento, com a função de adaptação pessoal.

De acordo com Federle (2009) o autor Vygotsky (1997) defende que “enquanto na fala externa o pensamento transforma-se em palavras, na fala interior as palavras desaparecem quando brota a luz do pensamento. É através da fala interior que a criança constrói sua própria identidade e a identidade do seu próprio mundo” (2009, p.11).

Essa idéia de Vygotsky é importante, pois, o fato da criança não estar se comunicando não significa que ela não esteja pensando sobre algo, mas sim que ela está dando “asa” para a sua imaginação e refletindo sobre a fala, ou seja, está se identificando com a linguagem. Segundo Vygotsky (apud Federle 2009, p.11):

Na fala interior a criança repete palavras e sons de forma rítmica como brincadeira; conversa com objetos não humanos; desempenha diferentes papéis; constrói efeitos sonoros para diferentes objetos; expressa emoções e sentimentos para si mesma; comunica-se com outras pessoas, mas expressa as informações de forma que somente ela mesma entende; age e fala pensando em voz alta; lê em voz alta ou soletra as palavras enquanto lê e fala baixinho de forma que o mediado não ouve as palavras que diz.

Segundo Sotelo (2009), quando refletimos sobre o ambiente escolar, podemos perceber que o professor tem que se desempenhar para que haja a interação das crianças com o meio social em que vive, pois isso é essencial para que as crianças se estabeleçam como seres sociais.

Portanto, é de fundamental importância que aconteça a inclusão das crianças em um espaço educativo e que o professor forneça a essa criança a participação em várias situações para que assim possam ampliar o seu mundo social, mas essas situações têm que ser diferentes das que poderiam vivenciar com os seus familiares (Sotelo, 2009). Sendo assim, é preciso que o professor que atua nas escolas aprimore os seus conhecimentos teóricos, adquiram o costume de pensar sobre como foi a sua prática pedagógica e não sejam somente professores que aplicam conteúdos prontos e sim educadores tentando mudar a maneira como a criança obtém conhecimento (Cagliari apud Federle, 2009).

Travaglia (1997) apud Barbutti (2005) destaca que:

A concepção de linguagem e a de língua altera e muito o modo de estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino e considera essa questão tão importante quanto a postura que se tem em relação à educação. Nessa perspectiva é fundamental então conhecer os modos de se conceber a linguagem, de maneira que esse conhecimento possa repercutir inclusive no trabalho do professor como fonte para reflexão e apoio para uma tomada de decisão à respeito da importância do desenvolvimento da linguagem, e se posicionar quanto a concepção que julga ser conveniente para sua prática. (Barbutti, 2005, p.04).

Barbutti (2005) chama a atenção para o fato de que é importante que o professor tenha “uma concepção de linguagem” para que assim possa desenvolver um “bom trabalho pedagógico, sabendo lidar com as diferentes situações e sabendo tomar as decisões mais adequadas” (2005, p.02).

Em sua dissertação *As concepções de linguagem na fala dos professores*, Barbutti (2005, p.04) comenta sobre os estudos de Geraldi (1993) a respeito das concepções de linguagem e informa que segundo o autor se tem três categorias diferentes, que são elas:

1º concepção: “encara a Linguagem como expressão do Pensamento”.

2º concepção: “vê a Linguagem como instrumento de comunicação”

3º concepção: “a Linguagem é uma forma ou um processo de interação”

Para esse ponto de vista, Barbutti (2005) exemplifica da seguinte maneira:

Assim tendo conhecimento e sendo consciente das concepções de linguagem o professor sabendo reconhecer que sua concepção interfere em sua prática pedagógica, configura o processo de ensino/aprendizagem e o que cada uma interfere neste processo poderá desenvolver um trabalho pedagógico diferenciado. A atuação do professor é um elemento importante na formação do quadro de aprendizagem dos alunos. (2005, p.06).

Acreditamos que a concepção mais funcional para que haja a interação entre o aluno e o professor seria a terceira concepção, pois a linguagem deve ser entendida como um processo de interação da criança com o meio onde ela está inserida, sendo assim a criança aprenderia a linguagem usando a própria linguagem.

Para tanto, Federle (2009) deixa claro em sua dissertação que se entende o quanto o professor tem de estar disposto para entrar em uma sala de aula para ouvir e falar com as crianças, pois através de seu empenho em dar atenção a elas, aprendem a falar e entenderem o que lhe falam, passando assim pelo processo de aquisição da linguagem, que a partir do primeiro ano de idade começa a ter grande amplificação.

De acordo com a literatura, Kato (1995) apud Barbutti (2005) destaca que tanto o professor quanto as suas atitudes é fundamental no processo de aprendizagem da criança, porém enfatiza que na maioria das vezes o professor não tem noção da teoria lingüística que envolve o seu trabalho (2005, p.02).

A quantidade de palavras que uma pessoa utiliza, conhece ou emprega, depende da necessidade que ela terá para se comunicar com as pessoas ao seu redor. O papel do professor na linguagem infantil se dará apenas com o objetivo de conduzir as capacidades vocálicas da criança, pois uma criança com três anos de idade já demonstra capacidade de se comunicar, tendo apenas que conviver com uma sociedade que se comunique com ela (Federle, 2009).

Ferdele (2009) também deixa evidente em sua dissertação *Oralidade em sala de aula na educação infantil: reflexão sobre o fazer docente*, que “a escola precisa estar organizada para acolher a todos, respeitando o costume e o conhecimento que cada um traz consigo, não querendo talvez só ensinar a norma culta” (2009, p.13).

De acordo com o PCN da Língua Portuguesa:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais — que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. (Brasil, 1997, p.25).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série afirmam que “não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar”, e enfatiza que “talvez por esse motivo a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral” (1997, p.38).

Federle (2009) complementa afirmando que a comunicação na sala de aula, dos alunos entre si e entre o professor e os alunos, é fundamental para que se tenha a formulação do conhecimento lingüístico da criança, pois a troca de palavras faz com que existam comparações de idéias e opiniões. Portanto, cabe ao professor fornecer situações pedagógicas para que essas atividades façam sentidos de fato para a criança e com isso aprimorem o seu vocabulário.

Barbutti (2005) afirma que o professor é o principal elemento “tanto na construção do conhecimento quanto na formação de atitudes e valores” da criança e finaliza sua idéia dizendo que:

assim sendo é importante uma formação continuada com questionamento da própria prática e o exercício constante de reflexão e o compartilhamento de idéias, sentimentos e ações entre os profissionais” (2005, p.07).

O trabalho com a linguagem oral, nas instituições de educação infantil, tem se restringido a algumas atividades, entre elas as rodas de conversa (Brasil, 1998, p.119).

O documento mencionado acima enfatiza que:

Apesar de serem organizadas com a intenção de desenvolver a conversa, se caracterizam, em geral, por um monólogo com o professor, no qual as crianças são chamadas a responder em coro a uma única pergunta dirigida a todos, ou cada um por sua vez, em uma ação totalmente centrada no adulto.

Sendo assim, podemos concluir que a escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da oralidade das crianças, mas cabe ao professor aprimorar e desenvolver as habilidades lingüísticas de seus alunos.

2.1 A oralidade no espaço escolar

A escola tem uma função decisiva no desenvolvimento da oralidade de seus alunos. “O que importa indagarmos é o valor que é dado por ela própria a esse papel, ou seja, como a escola enxerga esse processo e o articula à sua realidade” (Sotelo, 2009, p.34). De acordo com Lacerda (1995) apud Sotelo (2009), as práticas tradicionais valorizam a fala como expressão do pensamento, de modo que como é preciso aprender a expressar bem o pensamento, é preciso trabalhar a fala da criança.

No entanto, “é na linguagem que se dão as relações, os encontros e desencontros, e que se tornam conhecidas as posições de cada sujeito” (Geraldi apud Sotelo, 2009, p.34). E, assim, a definição de sentido se dá “na dinâmica do trabalho lingüístico, marcada pela história e contexto social” (Geraldi apud Sotelo, 2009, p. 34), considerando que:

[...] A atividade discursiva aproxima os sujeitos pelo significado e este aproxima um sistema de referências, que dá significação aos recursos lingüísticos usados. Mas podem surgir significados não harmônicos entre os falantes. Os interlocutores partilham pontos de vista comuns e de outros discordantes que vão emergir no discurso e gerar uma certa reorganização de sentidos. O que

um sujeito fala incide sobre o outro, revelando sua construção da realidade, interferindo sobre opiniões, escolhas, etc. (Lacerda apud Sotelo, 2009, p.34).

De acordo com Oliveira (2002) apud Barbutti, (p.11, 2005):

A escola é o lugar, por excelência, onde o processo intencional de ensino/aprendizagem ocorre: ela é a instituição criada pela sociedade letrada para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação no mundo; sua finalidade envolve por definição, processos de intervenção que conduzem à aprendizagem.

Sendo assim a escola é um ambiente socialmente instituído para que a criança se insira no ambiente cultural e se relacione com outras pessoas e com os conhecimentos que elas podem proporcionar e transmitir (Barbutti, 2005, p.11).

De acordo com Lacerda (1995) apud Sotelo (2009), a fala não deve ser utilizada somente para aferição de informação, como acontece em sala de aula, mas sim para aprimorar a própria linguagem, pois a aprendizagem da linguagem se estabelece como um ato de reflexão sobre a linguagem de modo que

[...] compreender a fala do outro e fazer-se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas (Bakhtin apud Sotelo, 2009, p. 35).

Para Soares (1993) apud Barbutti (2005) “a escola oferece a capacidade de identificar, reconhecer certa linguagem como ‘legítima’, o que ela não dá é o conhecimento dessa linguagem” (2005, p. 11).

Acrescentando esta idéia, Possenti (1996) apud Sotelo (2009) acredita que todo ser humano aprende a falar muito rápido, salvo por alguma dificuldade que o impeça disso. Ele também ressalta que todos aprendem a língua sem serem ensinados, como tradicionalmente se ensina numa escola (2009, p.36). O autor assegura que “o que podemos observar é que ocorre um uso efetivo da linguagem, um uso sempre contextualizado, uma tentativa forte de dar sentido ao que o outro diz”. Dessa forma, Possenti (1996) apud Sotelo (2009) finaliza que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas” (Sotelo, 2009, p.36).

Possenti (1996) apud Sotelo (2009), diz que as crianças com alguns anos já investigam, exclamam, recusam, produzem períodos difíceis e analisam o contexto consecutivamente que lhes parece relevante. Para ele, isso é fruto delas ouvirem,

falarem e serem corrigidas no seu método de conquista da fala, quando empregam formas que os adultos não aceitam. Ele adverte: a correção é fundamental, mas sem rebaixamento, punição e treinos de fixação. Completando este pensamento, o autor alega que:

o modo de conseguir na escola a eficácia obtida nas casas e nas ruas é “imitar” da forma mais próxima possível as atividades lingüísticas da vida. Na vida, na rua, nas casas, o que se faz é falar e ouvir. [...] Como aprenderemos a falar? Falando e ouvindo. Como aprenderemos a escrever? Escrevendo e lendo, e sendo corrigidos, e reescrevendo, e tendo nossos textos lidos, e comentados muitas vezes, com uma frequência semelhante à da fala e das correções da fala. (Possenti apud Sotelo, 2009, p. 36).

Em seu texto Barbutti (2005) considera a escola como sendo um lugar para o ensino da aprendizagem formal, onde se constitui por sujeitos que possuem e utilizam linguagens próprias, buscando uma comunicação competente, sendo assim tanto a linguagem quanto a aprendizagem são processos sociais (2005, p.12).

É essencial saber quem é este aluno que está inserido neste estabelecimento de ensino, para quem este professor fala. Não apenas o aluno é importante, mas também o professor. Quem é este professor que comunica e como se conduz aos seus alunos, o que pensa de seus alunos. Tudo isso provocará uma postura ou outra de ambas as partes na sala de aula. O que idealizamos do outro determinará como nós conduziremos ao outro, o que falaremos para ele e como falaremos com ele (Sotelo, 2009, p.37).

Barbutti (2005) enfatiza que:

Professores e alunos diferem nas suas formas de falar e entender sentidos e significados. O que parece simples para os professores, pois possuem o conhecimento acerca do objeto, torna-se extremamente complicado para os alunos, que estão na escola para tomarem posse e produzirem novos conhecimentos; ratificar hipóteses e retificar outras.(2005, p.12).

Kramer (2001) apud Barbutti (2005) ressalta que “o caráter dialógico da linguagem é fundamental na constituição do sujeito” (2005, p.13).

Dentro da sala de aula, na maior parte das vezes, é o professor que define as relações que se estabelecem no cotidiano escolar, pois ele detém ‘certo poder’ dentro desse ambiente. No entanto, são estas relações que contribuem para construção dos alunos enquanto sujeitos dentro e fora da sala de aula. A atitude do professor frente ao

seu trabalho com a linguagem gerará as futuras afinidades que seus alunos terão com esta (Sotelo, 2009, p.37).

Para Barbutti (2005) a visão que ela traz do professor em relação ao parágrafo anterior é a seguinte:

O professor, dono da palavra, acaba demarcando o espaço discursivo e com isso acaba excluindo a participação do aluno passando-se de uma dimensão dialógica para uma dimensão monológica, dificultando o entendimento de termos e conteúdos herméticos e técnicos trabalhados neste processo, [...] Que este discurso monológico diz respeito ao fato do professor ter para si a maioria ou grande parte da fala, durante as aulas. (2005, p.13).

Por fim, lembramos como a oralidade é idealizada na prática de professores, de formadores de professores e de estudiosos que se incomodam com a sua própria postura na sala de aula. No entanto, demonstram que esse contexto é muito novo para os profissionais da área da Educação. Sendo assim, faz-se indispensável que se procurem bibliografias que considerem o assunto com o intuito de entusiasmar idéias e de aperfeiçoar a prática docente (Sotelo, 2009, p.37).

Finalizamos com a idéia de Barbutti (2005) que acredita e idealiza que “é de se esperar que o professor, ao compreender a linguagem como interação social, amplie o (re) conhecimento do outro e de si próprio, e trabalhando, cada vez mais, no sentido de uma compreensão entre aluno e professor” (2005, p.13)

CAPÍTULO 3

SOBRE A PESQUISA

3.1 Metodologia

Para a realização dessa metodologia foi realizado a observação com crianças de até três anos de idade de uma escola particular de ensino.

A pesquisa foi realizada para tentar compreender como os profissionais da educação infantil se relacionam com crianças menores de três anos de idade, observei se os professores estimulam ou não a comunicação oral das crianças, para que assim possam interagir melhor com as pessoas com as quais convivem, seja na instituição de ensino ou em suas casas, facilitando o seu convívio na sociedade.

Tivemos como base a observação em sala de aula para que assim pudéssemos refletir sobre um recorte da realidade existente entre os professores e as crianças ao se comunicarem. Elaboramos também um questionário com duas questões 1)Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como? 2)Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Através desse questionário cada professora colocou o seu ponto de vista em relação ao que pensam e sabem; e para finalizar, utilizamos a pesquisa bibliográfica onde buscamos material já publicado sobre o assunto para que pudéssemos obter um melhor conhecimento do mesmo e compreendêssemos melhor se o comportamento dessas profissionais era correto ou não em comparação com a literatura existente.

3.2 As observações realizadas

Para a realização dessa pesquisa foi necessário a princípio, pedir a autorização para a diretora da escola, que no meu caso foi mais fácil, pois já trabalho nessa instituição há alguns anos, porém a diretora me deixou claro que deveria fazer a pesquisa fora do meu horário de trabalho e assim foi feito.

A seleção pela sala de aula foi baseada no fato de que a professora dessa classe já está na instituição há quase cinco anos e é classificada pela maioria dos profissionais

como sendo uma excelente profissional. Realizamos a pesquisa em uma sala de aula da educação infantil II, onde a observação foi realizada no mês de maio do ano de 2011.

Ao conversar com a professora da sala de aula, ela nos informou que é formada em Pedagogia e que está cursando Psicopedagogia e se formará no mês de agosto desse ano. Relatou-nos também que não gosta de lecionar, porém só está na profissão porque é o que sabe fazer. Por curiosidade perguntamos a ela porque então estudou para essa profissão sendo que poderia estudar para qualquer outra, e ela nos informou que não tinha condições na época de pagar a faculdade e seus pais lhe disseram que só pagariam se ela cursasse Pedagogia, aceitou a proposta por achar que teria apenas que cuidar de criança, mas com o decorrer dos anos ela aprendeu que não é só isso e que o cansaço físico e emocional é inevitável.

A sala de aula é pequena, tem três carteiras com quatro cadeiras em cada uma, a mesa da professora e um armário com quatro divisórias. As paredes são pintadas por duas cores, sendo a parte de baixo rosa e a parte de cima branca, a porta foi pintada de laranja com detalhes verde, amarelo e azul. As paredes possuem cartazes do ajudante do dia, onde é marcado o comportamento diário das crianças, do calendário, e as formas geométricas também ficam penduradas em um varal improvisado próximo ao teto.

A professora aparentemente é uma pessoa calma, porém fria em suas atitudes com as crianças, transmite o conteúdo para os alunos com muita qualidade, pois aplica todos os passos da apostila e trabalha bastante com o lúdico através de brincadeiras, fantoches, dinâmica, etc. Suas atitudes com as crianças chegam a ser bem restritas e pudemos perceber que apesar das crianças terem pouca idade ela não os “mima”, ou seja, ela não abraça, não beija e nem pega nenhuma criança no colo, percebemos também que existem crianças que são as favoritas, pois com essas crianças ela fala com muita calma, já com as demais ela é áspera ao falar, isso quando se comunica com elas, pois na maioria das vezes esse contato é apenas para dar ordens.

A seguir descreveremos situações que aconteceram durante as observações realizadas. Em um determinado dia, uma criança do sexo masculino com aproximadamente dois anos e meio de idade chegou perto da professora e disse

alguma coisa que não consegui compreender, então me atrevi e perguntei a professora o que ele havia dito, ela me respondeu que não havia entendido, mas que não deveria ser importante, pois ele não consegue ainda se expressar corretamente e que ela não tem paciência para ficar traduzindo o que ele quer, porém, ressaltou que quando é assim ela fica mais atenta a ele, pois não sabe o que ele disse que iria fazer. Para finalizar a conversa, sorrindo ela me disse: “vai que ele quer pular de cima do escorregador”

Percebemos que a atitude da professora em relação à situação não foi a mais adequada, pois o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, p.125), nos orienta que “a criança aprende a verbalizar por meio da apropriação da fala do outro”, ou seja, a criança necessitava da atenção da professora naquele momento para ser compreendido pela mesma e assim conseguir expressar o que pensava naquele exato momento. O RCNEI apresenta um parágrafo que enfatiza esse assunto:

Cabe ao professor, atento e interessado, auxiliar na construção conjunta das falas das crianças para torná-las mais completas e complexas. Ouvir atentamente o que a criança diz para ter certeza de que entendeu o que ela falou, podendo checar com ela, por meio de perguntas ou repetições, se entendeu mesmo o que ela quis dizer, ajudará a continuidade da conversa. Para as crianças muito pequenas uma palavra, como “água”, pode ser significada pelo adulto, dependendo da situação, como: “Ah! Você quer água?”, ou “Você derrubou água no chão”. Os professores podem funcionar como apoio ao desenvolvimento verbal das crianças, sempre buscando trabalhar com a interlocução e a comunicação efetiva entre os participantes da conversa. (Brasil, 1998, p.136).

Outra situação que queremos destacar foi o fato de que na sala de aula havia uma criança do sexo feminino com dois anos e onze meses de idade, que desde o início da nossa pesquisa ela só se comunicava através de gesto, apontando com o dedo para o objeto que queria, gesticulando com a cabeça, porém num determinado dia estava eu sentada em uma cadeira observando a aula quando essa mesma criança chegou até a mim e me chamou de ‘tia’, a professora da sala olhou para ela espantada e disse: “Nossa! R. você fala?”.

Ficou nítido nessa situação que a professora não se atentou ao fato de tentar ouvir essa criança, independente se ela consegue ou não se comunicar corretamente, observamos que não existe, portanto, momentos de interação entre professora e alunos. No RCNEI vem destacado um dos conteúdos necessário e fundamental para

desenvolver na criança a oralidade que é o “uso da linguagem oral para conversar, comunicar-se, relatar suas vivências e expressar desejos, vontades, necessidades e sentimentos, nas diversas situações de interação presentes no cotidiano” (1998, p.133). Sendo assim, o objetivo para esse conteúdo vem da seguinte forma “participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências”.

Durante a observação em sala de aula questionei à professora se essas crianças se comunicavam em casa e ela me relatou que não, pois as mães achavam mais fácil adivinhar o que eles queriam do que tentar entendê-los, e me informou também que os pais não cobravam que ela os orientasse a falar, pois acreditavam que eles ainda eram “pequenos” e conforme fossem crescendo automaticamente irão se comunicar.

Mediante a essa conclusão podemos afirmar que a professora direta ou indiretamente fortalece o comportamento da família em relação à oralidade dessas crianças. Faltou para essa profissional uma compreensão pedagógica a respeito do assunto para orientar melhor esses pais para que conseguissem junto com a escola auxiliar essas crianças a desenvolverem a linguagem. Mas para que isso ocorra de fato é necessário saber que “eleger a linguagem como conteúdo exige o planejamento da ação pedagógica de forma a criar situações de fala, escuta e compreensão da linguagem” (Brasil, 1998, p.134).

Conclusão

Mediante o conteúdo aqui estudado, podemos concluir que a oralidade ainda não é muito trabalhada e nem considerada importante por alguns profissionais da área da Educação, profissionais esses que deveriam ser os primeiros a terem um olhar diferenciado voltado para a oralidade, afinal é também na oralidade que formamos e constituímos uma criança como cidadão participante da sociedade na qual convive. A linguagem é uma ferramenta que o professor da educação infantil deve utilizar com as crianças desde o momento em que começam a terem contato com elas, pois o professor tem um papel importantíssimo para a formação comunicativa da criança independentemente se a mesma já se comunica verbalmente ou não. De acordo com o trabalho aqui realizado pudemos observar que o professor pode trabalhar a oralidade com as crianças pequenas de diferentes maneiras, como por exemplo, através da roda da conversa, música, brincadeiras de roda, ou simplesmente se agachando na altura da criança e dando-lhe a atenção necessária para compreender o que a criança está tentando falar, mas não basta ser apenas na teoria e sim na prática do cotidiano.

Através das pesquisas bibliográficas podemos concluir que muitos autores deixam claro que a oralidade é fundamental para que as crianças consigam se interagir com o ambiente no qual vivem e também com as pessoas que estão ao seu redor, porém para que isso aconteça devem ser bem orientadas e estimuladas pelos adultos que a rodeiam, tem que haver uma comunicação entre a instituição de ensino na qual ela frequenta e as suas famílias e ambas devem caminhar juntas nesse processo de estímulo da oralidade.

A partir da observação do ambiente escolar podemos concluir que nem todas as professoras dão a atenção necessária para a oralidade das crianças menores de três anos de idade. Na prática do dia a dia age de um jeito completamente diferente do conhecimento que nos mostrou ter. Parece-nos que acha muito trabalhoso ou difícil de tentar se comunicar com as crianças, pois é um momento que a professora tem que dispender um tempo para essa interação e compreensão.

Finalizamos essa conclusão com a certeza de que se o professor interagir com seus alunos qualitativamente, com certeza não haverá mais tantas crianças com

dificuldades de se comunicarem, e poderão ser compreendidas, conseguindo assim “sobreviver” com mais qualidade em nossa sociedade.

Referências

BARBUTTI, A. B. **As concepções de linguagem na fala dos professores**. 2005. 43f. Graduação (licenciado em Pedagogia) - UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 20. jul. 2011.

BUENO, M. L. P. B. **Oralidade e escrita: Uma relação de complementaridade**. 2003. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 20. jul. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, volume 03, 1998.

FEDERLE, E. **Oralidade em sala de aula na Educação Infantil: Reflexão sobre o fazer docente**. 2009. 21f. Graduação (licenciado em Pedagogia) - UNEMAT, Campus Universitário de Sinop, 2009.

FREITAS, G. C. M. **Pesquisas em aquisição da linguagem**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por viviansotelo8@gmail.com em 13. jun. 2011.

MENEZES, V. Teoria Behaviorista – estrutural. “Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/behaviorista.pdf>>”. “Acesso em: 19 jun. 2011”.

SOTELO, V. **A oralidade nas relações com a escrita: formas de participação e produção de sentidos na interação em sala de aula**. 2009.141f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Itatiba, 2009.

TEORIA BEHAVIORISTA> “Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/teoria-behaviorista>>”. “Acesso em: 23 jun. 2011”.

TEORIA INATISTA. "Disponível em: <[HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/teori - inatista](http://pt.wikipedia.org/wiki/teori_inatista)>".
"Acesso em: 23 jun. 2011".

Anexo 1

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

Sim, através historinhas infantis, leio para as crianças, e ao término peço que elas contem a história da forma que entenderam, até todos participarem, aqueles que ainda não falam peço que mostrem na folha apontando com o dedo.

Tenho um aluno na minha sala onde tem três anos, quando entrou na escola não falava nada, nem repetia as palavras, comecei a trabalhar a fala, comecei a falar frente a frente e os amigos também conversavam, mesmo não falando, depois das férias percebi que já estava “balbuciando” algumas coisas ainda sem nexos, comecei a incentivá-lo cada gesto, cada “balbucio” parabenizava muito bem, já fala “TIA”, chama quando acontece algo, são poucas coisas que fala mas está progredindo, quando peço para repetir ele repete mas em tom baixo, coisa que não fazia antes, percebi que faltava incentivo.

Anexo 2

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

Sim, trabalho a oralidade com as crianças, e de várias formas, leio histórias curtas, música, conversas diárias com as crianças sobre sua rotina, dando atenção as perguntas e respondendo cada um de acordo com sua maturidade.

Estimulo também o interesse e a fantasia das crianças, incentivando e permitindo a fala das crianças em todas as atividades possíveis, corrigindo e ampliando seu vocabulário.

Procuro sempre trabalhar a oralidade com brincadeiras cantadas e de forma lúdica.

Anexo 3

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

1-) Sim. Mesmo sendo bebês de 10 meses a 1 ano eles ainda não falam corretamente, mas o tempo todo estou conversando com eles de várias maneiras.

2-) Entre elas gestos, através de sinais quando querem algo e não sabem pedir, com músicas e movimentos, ou seja, de um modo bem lúdico e através de todos esses processos conseguimos desenvolver e muito bem a oralidade se tornando momentos muito prazerosos tanto para nós que conseguimos interpretar a linguagem das crianças como para elas que demonstram através de gestos o quanto ficam felizes por entendermos a linguagem prematura delas.

Anexo 4

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

Sim, eu trabalho a oralidade com meus alunos, pois desenvolver a oralidade é uma das habilidades que se espera nos primeiros anos de escolaridade. Procuro trabalhar utilizando recursos como por exemplo músicas, jogos, histórias infantil, brincadeiras cantadas, trava-língua e parlendas, de forma lúdica, pois assim elas ampliam a possibilidade de comunicação e expressão.

Meus alunos que ainda não falam se comunicam comigo através de choros, balbucios e gestos. Para que eu consiga entender qual é a necessidade da criança eu preciso ter uma sensibilidade muito grande, só assim consigo interpretar e suprir as necessidades dos meus alunos.

Anexo 5

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

Sim, através de roda de conversa, brincadeiras, com o alfabeto, atividades de leitura.

Através dos gestos das crianças, e aquelas que estão ainda balbuciando percebemos o que quer, ao passar do tempo vamos criando vínculos com cada criança que até mesmo com um olhar ou um comportamento diferente podemos compreender e entender o que ela quer.

Anexo 6

Questionário para professoras da educação infantil de 0 à 3 anos de idade:

1-) Você trabalha a oralidade com os seus alunos? Como?

2-) Como a criança que ainda não fala se comunica com você?

Respostas:

1-) Sim, é muito importante a “comunicação saudável” nessa idade, e é por meio de gestos, músicas e desenhos que trabalho, tanto sua oralidade, como o prazer do momento em que estamos juntos.

2-) A comunicação de crianças nessa idade é por gestos, carinhos, ou “caretas”. Essa convivência traz todo o aprendizado tão importante. É muito importante a participação de músicas, teatros, desenhos educativos, pois é uma forma de aprendizado mais prazeroso e educativo.